



NESTE NÚMERO:
A IGREJA
NOS PAÍSES DE LÍNGUA
ALEMÃ

A LIAHONA

MARÇO

1969





Mensagem de Inspiração

ElRay Christiansen

Do Conselho dos Doze

OS SANTOS dos últimos dias não edificam templos apenas para que sejam admirados pela sua beleza arquitetônica e estrutural; nem são eles levantados como lugares comuns de culto. Os templos são erigidos e especialmente dedicados para o expresso propósito da ministração das ordenanças do santo sacerdócio; para a edificação e "endowment" dos filhos fiéis de Deus.

Muitas pessoas, mesmo dentro da Igreja, não compreendem que estas ordenanças do templo nos foram dadas por revelação do Senhor que disse: "Eu mostrarei ao meu servo Joseph tôdas as coisas relativas a esta casa, e ao seu sacerdócio, e o lugar onde deverá ser construída." (D&C 124:42)

Estas ordenanças do sacerdócio são ministradas, e o seu propósito ensinado, no que se poderia chamar "revelação fechada", dado que não são reveladas da maneira usual ao mundo despreparado. Àqueles que adentram o templo "famintos e sedentos", são revelados o conhecimento e o entendimento da sua relação com Deus, e aprendem o que precisam fazer para obter o maior dos dons de Deus: vida eterna e exaltação com seus entes queridos. As ordenanças do templo dão a promessa de desenvolvimento e crescimento intelectual eterno, de bênçãos infinitas, e da companhia contínua daqueles a quem amamos.

Nêste Número

Mensagem de Inspiração. ElRay Christiansen	2
Do Sopé da Montanha. David O. McKay	3
Canções de Ninar e Arroz Quente. Janis Hutchinson	4
A Igreja nos Países de Língua Alemã. Jay M. Todd	7
Quem Realmente São. Bispado Presidente	12
Doutrina e Convênios. T. Edgar Lyon	14
A Mesma Voz. Anônimo	15
Uma Silenciosa Tragédia. Reed H. Bradford	16
Insignificâncias Fazem a Perfeição. Louise W. Madsen	19
Retrato de uma Oração. Dennis Drake	20
Ouçame. Por Favor. Lynne Baker	21
Um Sonho Não Basta. Dona Gregory	23
Nôvo Método... Genealogia	25
Templo em Washington. Albert Zobell, Jr.	27
Ferindo a si Mesmo... Richard L. Evans	28

Capa

Os países de língua alemã: Alemanha, Áustria e Suíça, pátria ancestral de muitos dos santos dos últimos dias, são o tema da capa dêste mês. No canto superior esquerdo está a bela St. Gilgen, no Salzkammergut austríaco; em cima, à direita o Templo Suíço em Berna; centro-esquerda: castelo medieval debruçado sobre o Reno; centro-direita: o magestático Matterhorn dominando a paisagem suíça; em baixo: ponte da capela no lago Vierwaldstadter em Lucerna, Suíça. A foto do Templo Suíço é do Serviço de Informação da Igreja, as demais são de Roebild, Frankfurt sobre o Meno. Leia o artigo na página 7.

Vol. 22 — MARÇO DE 1969 — Número 3

A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editor

Hélio da Rocha Camargo

Redator

F. Máximo

Centro Editorial Brasileiro

R. São Tomé, 520 — V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP
Tel. 80-9675

Estaca São Paulo

R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro, 215, CP 862
São Paulo, SP — Tel. 80-4638

Missão Brasileira do Sul

R. Dr. Flôres, 105, 14.º — CP 3071
Pôrto Alegre, RGS

Missão Brasileira do Norte

R. Stefan Zweig, 158, Laranjeiras
Rio de Janeiro, GB

Missão de Construção

R. Itapeva, 378 — Tel. 33-6761
São Paulo, SP

A LIAHONA — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguesa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e periódicos, conf. o Dec. 4857 de 9-11-1930.

Composto pela Linotipadora João A. Godoy, R. Abolição, 263. Fotolito do texto: Art-Color Ltda., R. Independência, 157/159. Impresso por Litográfica Comercial, R. Independência, 213, São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "Unified Magazine".

Subscrições: Tôda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: NCr\$ 6,00; para o Exterior simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: NCr\$ 0,60; exemplar atrasado NCr\$ 0,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.



O CARÁTER de proximidade de um evento algumas vezes tende a diminuir a sua importância e o seu inteiro significado. Nos dias de hoje encaramos as momentosas descobertas e invenções do passado recente como um observador que, do sopé da montanha a vê apenas em parte. Suas majestosas fal-das, picos altaneiros e serranias circunvizinhas estão ocultas à vista. Não obstante, mesmo este panorama limitado enche-nos de assombro. Que tremendas realizações! Que possibilidades ainda mais impressionantes para o futuro! Quem, por exemplo, poderia avaliar os benefícios materiais trazidos à sociedade pelo computador, pelo automóvel, pelo avião ou pela energia atômica? Quem poderia apenas imaginar os efeitos futuros das modernas realizações da medicina sobre a raça humana?

Do Sopé da Montanha

Presidente David O. McKay

Entretanto, nenhuma destas coisas têm respondido à maior necessidade e desejo do homem. Nenhuma revelou o que o homem tem buscado através das idades. Esta necessidade — este sempre presente anelo no coração do homem — é o de conhecer a Deus e a relação do homem com êle, o microscópio não o revelou; o telescópio não o descobriu; astronautas e satélites não penetraram sua morada. Somente um evento, ocorrido há cerca de um século e meio, afirma dar à alma humana esta resposta.

Este evento foi o aparecimento de dois seres celestiais ao menino profeta Joseph Smith, revelando as identidades pessoais do Pai Eterno e do seu Filho Jesus Cristo. Ocorreu na primavera de 1820, em resposta à oração fervorosa do rapaz.

Evocamos isto do testemunho do Profeta, o qual tem sido publicado em muitos idiomas e pregado em numerosos lugares no mundo: "...Quando a luz repousou sobre mim, vi dois personagens, cujo resplendor e glória desafiavam a qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um deles chamou-me, chamando pelo nome, e disse, apontando para o outro: "Este é o meu filho amado, ouve-o!" (Joseph Smith 2:17)

Quando Joseph contou aos seus vizinhos o que tinha visto, não lhe deram crédito; pelo contrário, foi perseguido e ridicularizado. Em resposta a toda a oposição, mais tarde declarou solenemente: "...Eu tinha realmente visto uma luz, e no meio da luz vi dois personagens, e eles em realidade falaram comigo; e ainda que perseguido e odiado por dizer que eu tivera uma visão, entretanto era a verdade... eu o sabia, e com-

preendia que Deus o sabia, e não poderia negá-lo, nem ousaria fazê-lo..."

Tal testemunho, se despido de apóio, poderia não merecer crédito. Seu teor está carregado de tal significado para a humanidade que a mente humana não pode de início crer possível tal aparição.

Mas o testemunho do Profeta é apoiado por testemunhas inteligentes cuja evidência jamais foi refutada. A própria Igreja, resultado tangível desta grande revelação, permanece como evidência corroborativa, senão direta, da inspiração divina.

A vida do Profeta, do seu irmão Hyrum, e de milhões de outros que aceitaram a verdade da grande revelação, evidenciam que o plano de salvação, tal como Jesus Cristo o revelou, conduz seguramente à formação de caracteres semelhantes a Cristo. Tão real foi a revelação para o Profeta e o Patriarca que ambos selaram resolutamente o seu testemunho com o seu próprio sangue.

Como fator contribuinte ao conhecimento da relação do homem para com Deus e do seu lugar no universo; como meio de estabelecer relações apropriadas entre os homens como indivíduos e grupos de homens como nações, como revelação indicadora do caminho para a felicidade e a paz dos homens na terra tanto quanto nas eternidades vindouras, o aparecimento do Pai e do Filho a Joseph Smith — com a subsequente restauração do sacerdócio e o estabelecimento da Igreja de Jesus Cristo na sua plenitude — deve ser reconhecido como o maior dos eventos de todas as épocas.

Canções de Ninar e Arroz Quente

Janis Hutchinson

**“Psiu, irmãzinha, logo
você não vai chorar mais.
Chhh, vou cantar a
Canção de Mamãe.”**

CHEN segurou a mãozinha de sua irmã e correu através do pagode arruinado desembocando do lado oposto numa rua deserta.

Ao parar repentinamente, puxou o braço que lhe resistia: “Levante-se e ande, Su Ying! Não está muito longe.” Chen suspirou e curvou-se. “Olhe, o seu vestido limpinho já está manchado. Não a receberão se estiver toda suja!”

Levantando-se, ergueu a irmã. Mas ela tropeçou e caiu com um ruído de algo rasgando-se. “Oh, Su Ying.” disse aborrecido. “O que diria mamãe se estivesse aqui agora?”

Deixando-se cair sentado sobre um bloco partido de concreto, cobriu a face por um momento, soltou um profundo suspiro e fitou sua irmãzinha de dois anos.

O queixinho de Su Ying tremeu e seus olhinhos encheram-se de lágrimas: “Su Ying tem fome!” E começou a chorar.

Chen tapou os ouvidos. Tinha a face cansada e seus olhos espelhavam uma tristeza que não havia de ter lugar num rapaz de apenas 12 anos.



Rapidamente puxou Su Ying para o seu ombro e a envolveu gentil, porém firmemente, em seus braços, ninando-a. Havia visto sua mãe fazê-lo desta mesma maneira, mas sua garganta apertou-se, e não mais parecia funcionar tão bem, especialmente nos últimos dias, quando o choro de Su Ying tornara-se mais persistente.

"Psiu, irmãzinha. Logo você não vai chorar mais. Chhh, vou cantar a canção de mamãe:

Nenê, a noite vem chegando
Vem descansar no colo meu
Os teus olhinhos vão fechando
Dorme que a noite já desceu

Continuando a cantarolar, olhava a face da irmãzinha na esperança de que desta vez a canção de ninar funcionasse — quem dera para ambos.

O choro de Su Ying finalmente reduziu-se à fracos soluços enquanto Chen continuava a niná-la cantando. Os olhinhos da menina fecharam-se e ele suspirou com alívio. Desta vez funcionara.

Canções de ninar são belas, pensou expectativamente, mas já era grande demais para que alguém lhas cantasse. Entretanto, estava satisfeito em ter-se lembrado desta para a sua irmã.

Olhando ao redor, estreitou a irmã nos braços. Limpou suas faces manchadas de lágrimas com o punho puído, ajeitou-lhe o vestido que tinha conseguido lavar num balde de água da chuva do dia anterior. Então, cuidadosamente ergueu-se para não acordá-la.

Movendo-se vagarosamente, desceu pela longa rua juncada de detritos, atingiu os arredores da aldeia e foi-se chapinhando pelo lamacento arrozal. Su Ying acordou e começou a chorar novamente. "Psiu... estamos quase chegando," disse, apontando para as luzes à sua frente.

Mudou-a de braço, montando-a no quadril. Su Ying soluçava quietamente, então debruçou a cabeça em seu ombro e fechou os olhos mais uma vez.

Ao alcançar a aldeia, Chen desceu a rua escura e passou por dois camponeses maltrapilhos acorados num canto de um prédio abandonado. No fim da rua

divisou o lugar: um grande edifício com uma pequena placa na entrada.

Depois de correr os olhos em volta por um momento, voltou-se e foi por uma rua lateral. Ia mais devagar agora. Sentia um apêto na garganta enquanto ninava gentilmente Su Ying. "Acorde, menina. Chegamos."

Colocando Su Ying ao seu lado, vergou-se e encostou-se na enorme parede. Espiou a aléia que partia do grande portão em arco, o qual marcava o fim da sua jornada. Seu coração batia apressado, como asas de pássaros assustados.

Sentiu Su Ying aconchegar-se a êle. Tornou a espiar a aléia escura e o portão fechado. Sua voz soou estranha, mas conseguiu falar num tom controlado: "Você precisa mostrar boa aparência," disse. Tomou de um pequeno pente e correu-o pelo cabelo negro da garotinha. Su Ying sorriu-lhe e afagou-lhe os cabelos com as mãozinhas. As lágrimas vieram súbitamente aos olhos de Chen, mas foram enérgicamente reprimidas.

"Seu vestido deve estar em ordem," disse abruptamente enquanto o desamassava tão bem quanto podia. Então, apanhando um pedaço de papel que trazia dobrado no bolso, começou a escrever vagarosamente à luz fraca que vazava por baixo do portão:

"Por favor, tomem conta de minha irmã. Nossos pais morreram há muitas semanas. Tenho só doze anos e já não consigo mais encontrar comida para ela. Oví falar da sua casa, assim trouxe-lhes Su Ying."

Releu a nota e gentilmente a colocou nas mãos de Su Ying. "Não saia de perto da porta." Chen afastou-se e Su Ying seguiu-o. "Não, não, irmãzinha," disse empurrando-a gentilmente de volta, "Volto logo, espere-me aqui, não demore..." A última palavra entalou-se na sua garganta. Esperava que seus pais um dia o perdoassem por tê-los envergonhado com essa mentira.

Inclinando-se, Chen beijou sua face e afastou-lhe os bracinhos que o envolviam. Aspirou forte, sentindo o doce aroma de jasmim. A fragrância parecia acalmá-lo, tentou sorrir.

"Irmãzinha, temos uma grande bênção aqui." Apon- tou em direção à pesada porta do edifício. "Lá êles lhe darão comida e você não mais chorará à noite, ao ir dormir. Receberá uma cama — imagine só, Su Ying — com cobertores quentinhos! Estas honradas pessoas cuidarão de você. Talvez até a enviem para os Estados Unidos. Oví que isto é possível! Chen inclinou ligeiramente a cabeça.

"Os Estados Unidos são um grande país, pois tem muitas e muitas tijelas de arroz — tudo o que você queira comer. E talvez, alguma boa senhora ponha sapatos nos pèzinhos frios e remende o seu vestidinho."

Su Ying olhou o rasgão e os seus olhos encheram-se de água. Chen sorriu rapidamente e tomou a sua mão.

"Mas não se preocupe com o rasgo agora. Êles vão gostar de você de qualquer maneira, pois você é uma boa irmãzinha. Talvez a boa senhora venha até mesmo niná-la. Chen não é muito bom para isso, as mulheres o fazem melhor."

Su Ying continuava atenta às palavras do irmão.

"Oví falar também que há muita felicidade entre o povo dos Estados Unidos. Lá há famílias inteiras que

vivem felizes juntas, e sabe por quê? Por que as suas mães cantam para êles, remendam vestidos e preparam tijelas de arroz quente." Balançou tristemente a cabeça. "Não sei fazer estas coisas, Su Ying."

Su Ying parecia muito séria para os seus dois anos, Chen afastou-se uns dois passos.

"Oh, irmãzinha," suspirou Chen, "você não entende o que estou dizendo e logo esquecerá tudo." Sua garganta apertada impedia-lhe de engolir.

"Que você possa gozar de muita felicidade, Su Ying..."

Enxugou rapidamente uma lágrima e dirigiu-se para a porta. Levantando o braço, bateu algumas vèzes fracamente, então correu para a outra extremidade da aléia. Su Ying, com os olhos arregalados, deixou escapar um grito e saiu atrás dêle. Chen voltou-se e disse-lhe firmemente:

"Não, Su Ying! Você não pode vir!" E apontou resolutamente para a porta. "Veja, irmãzinha, logo alguém vai abrir a porta. Dê-lhes o papel... olhe a porta!"

Su Ying voltou-se por um instante, com o queixinho tremendo, e olhou para a porta. Êstes segundos bastaram a Chen. Disparou por alguns metros e desapareceu nas sombras de um pequeno portal.

Espiando do seu esconderijo, Chen observou quase sem fôlego a porta abrir-se lançando uma réstea de luz sôbre Su Ying. Engoliu em sêco ao ver Su Ying olhar as faces de duas mulheres. Uma delas ajoelhou-se diante de Su Ying e abraçou-a ternamente. Sabia que falavam com brandura com Su Ying, e imaginou-a sorrindo. Sorriu também, um pouquinho.

Su Ying passou-lhes o papel. A segunda mulher tomou-o. A respiração de Chen parecia ter parado ao ver que ela o lia. A mulher acabou de ler e voltou-se para alguém no edifício. Outras mulheres apareceram, e Chen podia ouvir suas vozes excitadas ecoando surpresa e preocupação. A mulher que se ajoelhara diante de Su Ying a tomou nos braços e entrou no edifício acompanhada das demais. A porta cerrou-se, deixando a aléia mais uma vez em silêncio.

Chen endireitou-se da sua incômoda posição e sentou-se por alguns momentos recostado em um grande barril. O silêncio parecia muito agudo, êle espiou a aléia escura onde Su Ying estivera. Juntou a camisa onde havia se perdido um botão e limpou sujeiras imaginárias das calças.

Chen estava satisfeito de que aquela senhora tivesse abraçado Su Ying. Esperava que a ninasse. Olhou para cima. O rio prateado do céu diluía-se com as primeiras luzes da alvorada. Levantou-se lentamente e começou a descer a aléia, chutando uma pedrinha.

Hesitando, voltou-se por um momento e olhou a porta iluminada que ficara para trás. Balançou a cabeça levemente. Su Ying precisava de ser ninada e de arroz quente. Respirou profundamente, endireitando-se o tanto quanto possível. As sombras da noite vagarosamente dissolveram-se com os primeiros raios da manhã, que agora começavam a se introduzir entre os edifícios.

Estava feliz com as novas que ouvira da casa. Sim, fôra um dia abençoado. Tentava sentir-se feliz, mas ao descer a rua solitária, seus pés arrastavam-se, e havia um vazio dentro de si que magoava.



1 - Missionários em viagem pelas aldeias, 1904. 2 - Colocação da placa comemorativa, 16 de janeiro de 1928, na casa em que nasceu Karl G. Maeser. 3 - Karl Gottfried Maeser, um dos primeiros conversos alemães, fundador da Universidade Brigham Young. 4 - Excursão da Escola Dominical do Ramo de Breslau, 1927.



A Igreja nos Países de Língua Alemã

Jay M. Todd

Editor Associado de The Improvement Era

POUCAS nações ou povos têm gozado o poder, a expansão econômica, realizações educacionais, brilho científico e realizações culturais como as terras germânicas durante a última metade do século XIX e os primeiros anos do século XX, os anos em que os jovens missionários mórmons pela primeira vez dirigiram-se a estas terras, vindos do oeste.

A relação das maiores realizações do homem conta com inúmeros nomes de mentes privilegiadas e espíritos nobres: Martinho Lutero, Goethe, Bach, Beethoven, Wagner, Copérnico, Kant e dezenas de outros.

Na última metade do século passado, a Alemanha liderava quase todos os campos da ciência, era afamada pelas suas universidades, as quais tornaram-se a meca para estudantes de todo o mundo, e era respeitada como a mais poderosa nação militar e industrial do continente. Era uma nação vibrante, cheia de confiança, que só há pouco (1871) se unificara sob Bismarck para

formar a Alemanha, a mais jovem de todas as potências européias. Neste vórtice de orgulho militar, industrial e intelectual, os missionários SUD começaram a lançar as sementes da humildade e da paz. O plantio foi difícil.

O primeiro membro da Igreja de que se tem notícia a pisar o solo alemão, não foi entretanto um missionário americano. Foi James Howard, converso britânico que se havia dirigido a Hamburgo para trabalhar numa fundição.

A pedido dos irmãos ingleses, tentara pregar o Evangelho, mas encontrou-se com condições tais que em 13 de setembro de 1840, escreveu à sua esposa: "Sinto-me uma criatura muito fraca para fazer qualquer coisa sem eles (os irmãos) em Hamburgo."

Por outros dez anos, ninguém fez muito para pregar o Evangelho nos países germânicos, embora Orson Hyde dispendesse dez meses na Alemanha, em sua excursão

Crises econômicas, perseguições, políticas de violência e guerras não impediram o desenvolvimento da Igreja nas terras germânicas.

à Palestina. Somente em 1851 registraram-se os primeiros batismos na Alemanha. Mesmo então a Palavra progredia lentamente, e com considerável oposição governamental: primeiro um élder, depois outro confrontaram-se com expulsão de uma cidade-estado ou de uma pequena república. Por volta de 1855, três anos após a publicação do Livro de Mórmon em alemão, apenas 165 haviam-se unido à Igreja na Alemanha. Por volta de 1854, a Suíça tinha-se saído pouca coisa melhor, com apenas 144 conversos.

Foi somente no final da década de 1860 que as perspectivas começaram a melhorar em termos de notável crescimento do número de conversos. Em 1868, Karl G. Maeser, um converso alemão chamado para presidir a missão na Alemanha e Suíça, escreveu: "Muitas coisas na missão haviam indicado, por algum tempo, uma mudança vindoura como o encrespar da superfície antes da vinda da brisa, e era evidente que um outro espírito estava sendo introduzido."

Pela época do retorno do Irmão Maeser a Utah, em 1870, para dirigir a nova academia Brigham Young em Provo, vira 600 pessoas filiarem-se à Igreja, quase todas na Suíça. Mas a reação típica com que ainda se defrontavam os missionários foi a relatada pelo élder C. W. Wilcken: "Os alemães dizem que são muito esperos para crer na aparição de anjos e revelação a homens nestes dias. Quando eu estava em Holstein, disseram-me que tais coisas fariam sentido para os índios, mas a gente esclarecida riria delas."

E assim sucedia. Em contraste com os milhares de pessoas que entravam para a Igreja na Inglaterra e na Escandinávia, pequeno sucesso, ramos esporádicos e efêmeros, um público apático e frias relações governamentais caracterizavam as experiências da Igreja nos países de língua alemã até a virada do século. Na Suíça, em particular, o sucesso das conversões era ainda mais desalentador. Durante um século, de 1860 a 1960, os relatórios anuais de batismos estiveram abaixo da maior marca atingida: cerca de 300 em 1862.

As pessoas que entraram para a Igreja logo compreenderam que para criarem seus filhos entre os santos dos últimos dias teriam de emigrar para os Estados Unidos, uma atitude que se tornou típica dos santos de língua alemã até há cerca de três décadas. Tais decisões de emigrar foram fortalecidas pela crise econômica alemã de 1875. Estima-se que após a quebra, cerca de 2,5 milhões de alemães emigraram para os Estados Unidos.

Ano após ano chegavam novos missionários, e ano após ano "um de uma cidade", "dois de uma família" (veja Jeremias 3:14) entravam nas águas do batismo.

Mas ano após ano, hostilidade velada ou aberta recebia os emissários da verdade, como o indicam estas citações da história da missão: "Nosso pedido de permissão para pregar em Baden foi negado" — 1875. "O Presidente Stucki foi preso e multado por ter publicado um panfleto." — 1876. "Os élderes foram encarcerados e expulsos." — 1880. "Os primeiros conversos batizados na Austria." — 1883. "A congregação foi encarcerada numa tentativa de encontrarem-se os missionários. Os livros foram confiscados." — 1897. "Na Saxônia, os élderes foram advertidos pelos oficiais locais que não lhes era permitido realizar nenhuma escola nos domingos, nem lhes era permitido admitir menores de 18 anos nas reuniões. Foi-lhes também proibida a distribuição de panfletos." — 1900.

O novo século pareceu abrir, pelo menos em parte, um novo espírito na Alemanha. Em 1906, o Presidente Joseph F. Smith, o primeiro presidente da Igreja a viajar para o exterior durante a sua administração, visitou a Alemanha. Um ano depois, o Pres. Serge F. Ballif, das missões unidas Suíço-Germânicas, escreveu: "Ao viajar de um lugar para outro, vejo grandes massas de pessoas as quais creio estarem prontas para o Evangelho, sinto-o nos meus ossos." Suas impressões estavam corretas. No ano seguinte, mais de 2.500 conversos filiaram-se à Igreja, um índice que quebrou todos os recordes de batismos nos países de língua alemã.

Mas a resistência contra a Igreja sediada nos Estados Unidos não declinou. Quatro anos mais tarde, em 30 de agosto de 1914, uma mensagem surpreendente chegou à Alemanha vinda da sede da Igreja: "Desobrigue todos os missionários e providencie sua imediata remoção para Londres..." Quase 200 missionários deixaram cerca de 60 ramos na Suíça e na Alemanha e dirigiram-se para a Inglaterra. A Primeira Guerra Mundial estava a caminho.

Três anos depois, o Pres. Angus J. Cannon obteve permissão governamental para visitar os ramos da Igreja na Alemanha. Relatou: "Inevitavelmente, as destruições da guerra, durante a qual muitos oficiais e membros dos ramos foram chamados para o serviço militar, alguns para jamais retornarem, conduziram à dissolução de certos ramos, e considerável diminuição de outros. O mais notável, entretanto, é que, a despeito disto, a maioria dos ramos, de fato quase todos, mantiveram alguma forma de organização e contato com seus membros, realizando reuniões sempre que possível..." Era o padrão do que seria novamente feito 20 anos mais tarde, quando Adolf Hitler ascendeu ao poder como "Fuehrer" (líder).

Durante os vinte anos entre as duas guerras mundiais, a história da Igreja nos países germânicos conhe-



1 - O edifício administrativo dos Escritórios da Igreja em Frankfurt, Alemanha, aloja os departamentos de imóveis, genealogia, tradução e assuntos legais. 2 - O Pres. Heber C. Grant em Breslau, 1934. Com ele o Pres. de Distrito Werner Martin Hoppe e seu Conselheiro, Richard Deus. 3 - Helmut Huebner, membro do Ramo George, do Distrito de Hamburgo, decapitado em 27 de outubro de 1942, aos 17 anos de idade, por manifestação anti-nazista. 4 - O Pres. David O. McKay em Berna, durante o lançamento da Pedra fundamental do Templo Suíço, 1953.

ceu alguns dos seus melhores momentos. Tendo o mundo novamente visto a paz, o plano no Príncipe da Paz novamente começou a derramar-se nos corações dos honestos de espírito. Passando em revista a Missão Suíço-Germânica em 1920, o Pres. Serge F. Ballif disse: "Temos na Missão mais de 60 missionários viajando sem bolsa nem alforje. São humildes, fervorosos nas orações, limpos e puros, dispostos e prontos para tudo o que deles é requerido."

Por volta de 1925 as missões germânicas foram divididas, tal como ocorrera várias vezes anteriormente, na Missão Germano-Austríaca, com um registro de 6.125 membros, e a Missão Suíço-Germânica, com 5.305 membros — mais de 11.000 santos de fala alemã.

Foi um notável alicerce para um crescimento seguro e rápido. Segundo um livreto de relações públicas de hoje, os santos de língua alemã celebraram o aniversário da Igreja em 1930 com mostras e exposições que atraíram grandes multidões. Mais de 250.000 folhetos sobre a Palavra de Sabedoria foram distribuídos numa exibição em Dresden, e em Berna os santos fizeram muitos amigos com a Exposição de Higiene e Esportes. "Nunca recebemos publicidade mais favorável da imprensa germânica," disse o Pres. Fred Tadje. O élder John A. Widtsoe, então presidente da Missão Européia, escreveu pouco depois sobre os santos alemães e suíços: "Ninguém é mais fiel e devotado em toda a Igreja."

Mas as forças do mal não dormiam. Os soldados nazistas já estavam marchando em seu passo de ganho e a atitude do regime cêdo se manifestou contra a Igreja. Em maio de 1933, os nazistas interromperam uma reunião de santos; no mesmo mês, noutro lugar da

Alemanha, dois missionários foram espancados por um nazista uniformizado. Em 1934, o movimento de escoteiros da Igreja foi descontinuado por ordem do governo e proibido o folheto "Autoridade Divina". Um ano mais tarde, "Regras de Fé", do élder James A. Talmage foi banido, e ordenou-se a queima dos livros. Em 1937 foi retirada a permissão de distribuição da maioria dos folhetos da Igreja. Um ano mais tarde, alguns santos alemães mais destacados foram encarcerados e acusados de "alta traição" por cumprirem os seus deveres religiosos. A sombra de Hitler havia sido lançada.

A despeito dessas dificuldades, as forças da retidão não foram deixadas sem preparo para o que viria. É inspirador ler que a 2 de julho de 1935, foram enviadas instruções a todos os missionários na Alemanha para que encontrassem e designassem líderes locais como presidentes de ramo e conselheiros. Os fiéis ao Senhor não seriam deixados sem treinamento nos princípios do sacerdócio.

E tais instruções não chegaram cêdo, pois em 25 de agosto de 1939, o élder Joseph Fielding Smith, do Conselho dos Doze chegava à Alemanha para dizer a todos os missionários que partissem imediatamente. Deu-se então um dos mais inspiradores incidentes da Segunda Guerra Mundial. O Presidente M. Douglas Wood chamou um missionário de Idaho muito alto e forte e disse-lhe: "Élder, temos 31 missionários perdidos em algum lugar daqui à fronteira holandesa. Sua missão é encontrá-los e ajudá-los a escapar."

O jovem élder saiu com 500 marcos e algumas passagens para a Dinamarca e Londres, e foi-lhe dito que seguisse inteiramente as suas impressões. Tomou um trem e dirigiu-se para o oeste, sem saber para onde



1 - Na capela de Selbongen, na Prússia Oriental (agora território polonês), ainda são realizadas reuniões. 2 - Impressora da Giese Printing Co. em Offenbach, Alemanha, onde são impressas as co-irmãs européias da LIAHONA. 3 - A GFV (AMM alemã) em viagem pelo Reno durante a conferência de jovens de 1965. 4 - A capela da Ala Lankewitz em Berlim, foi dedicada em 1 de março de 1964 pelo Pres. Ezra T. Benson. 5 - Centro da Estaca de Hamburgo. 6 - Cena final do festival de dança da conferência de jovens da GFV de 1965.



iria. Embora seu destino não fôsse Colônia, sentiu-se inspirado a saltar do trem ali. A grande estação estava cheia de milhares de pessoas. Como iria encontrar os missionários perdidos? Começou a assobiar "Faze o Bem" e num canto da estação um élder e um missionário casado ouviram o chamado e prontamente receberam suas passagens para a Dinamarca.

O élder novamente tomou o trem e continuou a sua missão, descendo em cada estação, cidade após cidade somente quando inspirado a fazê-lo. Guiado por inspiração encontrou 17 missionários, que conseguiram fugir da Alemanha naquela noite. Pouco depois chegava à sede da missão a notícia de que todos os missionários estavam fora da Alemanha e em segurança. Nove dias depois a França e a Inglaterra declararam guerra.

A história da Igreja na Alemanha e na Áustria durante os anos da guerra está cheia de incidentes inspiradores. Ninguém ousava falar contra os nazistas, não obstante três jovens da Igreja o fizeram. Após terem ouvido um programa britânico de rádio, êsses jovens imprimiram e distribuíram a informação em lugares públicos. Um deles, Hellmuth Huebner, recebeu sentença de morte, e foi decapitado pelo machado. Os outros foram sentenciados a campos de concentração. Hoje, um edifício em Hamburgo honra a memória do jovem irmão Huebner, o santo dos últimos dias que ousou falar.

Algumas histórias pungentes rodeiam os esforços dos ramos alemães para reunirem roupas para os santos alemães que haviam perdido seus pertences nos ataques aéreos, tal como os esforços do ramo de Altona em benefício dos membros do distrito do Ruhr que passavam sofrimentos.

Muitas vêzes, durante os anos de 1943-44, quando os Aliados bombardeavam pesadamente, os santos foram inspirados a deixar as suas reuniões da Escola Dominical ou Sacramentais para prepararem-se para um ataque aéreo.

Em 1945, quando findava a guerra, o presidente de distrito Willy Deters, escreveu: "O inferno abriu os seus portais chamejantes. É quase impossível visitar os ramos. Os aviões atacam os trens constantemente. Não se encontra descanso à noite. Muitos dos irmãos chamados ao serviço ou são muito jovens (15 anos), ou têm mais de 50. Servem numa organização chamada "Volkssturm", para que possam salvar a pátria. A razão mudou-se em loucura."

A guerra colheira terror e destruição, deixando milhões de alemães sem lar ou mortos. Mais de 600 santos haviam sido mortos, outros 2.500 estavam desaparecidos e mais de 80% estavam sem teto. Somente em Bremen, 95% dos santos perderam seus lares. Havia pouca comida, e em Dantzig os membros viviam de "ervas, gatos, cães, algumas batatas e carcaças de animais. Como os velhos e doentes não podiam sequer obter tais coisas, sugeriu-se que tal alimento devesse ser dizimado, e por conseguinte um décimo dêle foi dado aos mais necessitados." Nenhum testemunho mais forte sobre o poder e a eficácia do Evangelho necessita ser dado. Provados no crisol do medo, da fome e da miséria, os santos fiéis que se encontraram vítimas da pior expressão do homem — a guerra — foram caracterizados pelo amor e pela fraternidade.

Em 1945, quando o Presidente Heber J. Grant morreu, em alguns ramos solenizaram-se serviços "in memoriam". Em Berlim, mais de 300 santos apinharam uma sala com lotação de 175 pessoas apenas. Entre

"Em nenhum lugar da Igreja houve maior fé que a demonstrada pelos santos da Europa."

êles havia muitos militares (homens e mulheres). O relatório da missão diz: "Em tôdas as ocasiões, homens e mulheres em uniformes caqui eram bem-vindos e postos à vontade. Eram recebidos à porta com um "Ein Bruder?" (É irmão?) Quando a resposta era positiva, a porta escancarava-se. A palavra "Bruder" tornou-se uma espécie de senha.

A reconstrução da nação, do povo, dos lares e das famílias, e mesmo da própria vida pessoal tornou-se então a preocupação dominante. Dentro de poucos meses o élder Ezra Taft Benson, do Conselho dos Doze, estava na Alemanha assistindo as necessidades de bem-estar dos membros, preparando o caminho para toneladas de roupas e alimentos para os membros necessitados.

Um ano depois, os santos holandeses enviaram aos santos alemães um carregamento de batatas, e cada membro recebeu 12 quilos. O Pres. David O. McKay o considerou "um dos maiores atos de verdadeira conduta cristã de que jamais tive notícia." Uma vez mais, os laços do Evangelho ignoravam as barreiras nacionais.

Logo as conferências da Igreja estavam a caminho: Em Stuttgart, mais de 800 pessoas compareceram a uma conferência do sacerdócio na Alemanha Ocidental em 1946, e outras 11.981 pessoas compareceram à conferência da Missão da Alemanha Oriental em Leipzig, a maior frequência já registrada para uma reunião de santos na Europa.

Por volta de 1947, uns poucos missionários começaram a ser enviados à Alemanha. Mas a seara logo seria reduzida. A União Soviética, uma das potências aliadas, logo revelou as maquinações malignas dos seus governantes ao impor o bloqueio de Berlim. Outra história de negação das liberdades estava para ser escrita, e em pouco tempo, a Alemanha dividiu-se nas duas Alemanhas de hoje: Ocidental e Oriental. Somente na Alemanha Ocidental há hoje missionários pregando o Evangelho Restaurado.

Os últimos dezoito anos das missões de língua alemã são essencialmente uma re-edição parcial da administração do Pres. McKay, a qual tem sido, para dizermos pouco, fantástica; constituindo-se de cinco estações: Berlim, Hamburgo, Stuttgart, Suíça e Militar da Europa (esta última para os milhares de militares SUD a serviço dos EUA); seis missões, um templo em Berna, Suíça; uma sede continental europeia em Frankfurt para cuidar de assuntos legais, bens imóveis, departamento de construções, escritórios genealógicos, tradução, impressão e distribuição, relações públicas, relações com governo e departamento de imprensa. O Pres. McKay estabeleceu o espírito desta notável realização com a sua visita à Suíça e à Alemanha, em 1952. Muitas lá-

grimas foram derramadas ao soarem as notas de "Wir Danken Dir Herr fuer Propheten" (Damos Graças a Ti ó Deus Amado), em tons sagrados e reverentes.

Três anos mais tarde, o Côro do Tabernáculo excursionou por êsses países e cantou na dedicação do Templo da Suíça, veiculando imensa boa vontade e proclamando ao povo de ambas as nações a decência e a bondade do povo mórmon.

Na abertura da sessão do templo, o élder Benson declarou: "Êste é o maior dos eventos para a nossa Igreja que já ocorreram na Europa desde que o Evangelho foi trazido a estas terras há 118 anos. Em nenhum lugar da Igreja houve maior fé do que a demonstrada pelos santos da Europa."

Hoje, cêrca de 30.000 santos de fala alemã gozam das liberdades modernas, confortos e progressos da Alemanha, Áustria e Suíça. Como em outros lugares, a Igreja goza de crescente publicidade favorável e respeito. Muitos europeus ouvem a rede radiofônica das Fôrças Armadas Norte-Americanas e apreciam as irradiações semanais do Côro do Tabernáculo.

Como sempre, a Igreja é simbolizada pelos jovens missionários que vão dois a dois pelas cidades e aldeias. Mas hoje em dia, novos símbolos estão surgindo na consciência do público: belas capelas, centros de estaca e alguns santos dos últimos dias destacados. Um rol dos membros da Igreja revela prósperos comerciantes, artesãos talentosos, editores e repórteres de jornais, médicos, dentistas, professores de ensino médio e superior, arquitetos e destacadas personalidades do mundo das artes.

Os modernos sistemas de comunicação ligam êsses santos num estreito laço com a sede da Igreja, e as sessões das conferências gerais são transmitidas diretamente por telefone aos seus ramos e alas. Em adição a isso, os membros de língua alemã recebem inspiradoras e sadias mensagens em "Der Stern", revista da Igreja que êste ano celebra seu centésimo aniversário. Como edição do nôvo "Unified Magazine" da Igreja, é correlacionado e dirigido pelos líderes da Igreja.

A conferência da juventude alemã é tão popular e famosa quanto a conferência de junho da AMM nos Estados Unidos. Há muita expectativa com respeito a êsses jovens, muitos dêles conversos. Numerosos líderes da Igreja que têm visitado as terras germânicas têm descrito êsses jovens membros como sendo "alguns dos melhores jovens da Igreja," "tão talentosos e brilhantes quanto os de qualquer outra parte," "notavelmente espirituais e orientados para a liderança."

Obviamente, o próximo capítulo da história da Igreja nos países de língua alemã pode estar apenas começando.

O Bispado Presidente fala à juventude

SÔBRE QUEM REALMENTE SÃO

HA VARIAS décadas, a mais comum fonte de energia era literalmente a do cavalo. Era, e ainda é, uma cena comum a do rancheiro com uma bela parelha de cavalos puxando arado ou transportando feno. Uma parte comum dos arreios são os antôlhos, que são postos nos lados dos olhos do cavalo, para que não possa ver para os lados, mas apenas para a frente. Estes antolhos facilitam guiá-lo e fazê-lo virar.

De maneira similar, Satanás espera poder colocar antolhos nas pessoas para que assim possa mais facilmente guiá-las e virá-las. Espera cegar as pessoas para o entendimento de quem realmente são. Deseja cegá-las para o fato de que viveram com Deus antes de entrarem na vida mortal, e que viverão após a morte em circunstâncias que serão determinadas pela sua conduta na mortalidade. Espera fazer com que as pessoas pensem que tudo se resume nesta vida.

A filosofia de vida que advoga foi denunciada pelos profetas do Livro de Mórmon: "Comei, bebei e divertivos, porque amanhã morreremos..." Esta filosofia é popularíssima hoje em dia. Vemos jovens desperdiçando suas vidas em drogas, imoralidade e todos os tipos de perversão. Fazem-nos sem compreender quem são realmente e quais serão as consequências eternas do seu comportamento.

É evidente que Satanás conhece o poder que advém às pessoas que reconhecem quem realmente são. Tais pessoas são capazes de ver a vida numa perspectiva eterna, e o plano de Satanás revela-se fútil e maldito.

Não pode ser subestimada a importância da resposta à questão "Quem sou?" O conhecimento que o Salvador tinha sobre quem ele era, capacitou-o a viver uma vida de perfeição. Mesmo como jovem compreendeu que deveria ocupar-se dos negócios de seu Pai. (Veja Lucas 2:49)

O Salvador sabia que era o Filho de Deus; sabia qual seria a sua missão; e agiu de acôrdo com êsse conhecimento. O apóstolo João refere-se ao Mestre como o "Verbo".

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. Nêle estava a vida, e a

“Cinge agora os teus lombos como homem...”

vida era a luz dos homens; e a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.” (João 1:15,14)

O Salvador tinha grande poder sobre o mal e a tentação porque sabia quem era.

Isto nos leva diretamente à questão: “Quem sou?”

Somos filhos e filhas de Deus, vivemos com êle antes de irmos para cá. O apóstolo Paulo confirma esta grande verdade: “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.” (Rom. 8:16)

Uma vez que somos filhos de Deus, Paulo acrescenta, somos “herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo.” (Rom. 8:17) Isto significa que poderemos nos tornar como Deus, se formos “guiados pelo Espírito de Deus...” (Rom. 8:14), e guardamos os seus mandamentos.

Tendo esta compreensão de quem realmente somos e de quais as nossas possibilidades, podemos nos tornar no mais extraordinário dos povos. Tal como Pedro declarou: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real...” (1 Pe. 2:9)

A compreensão de quem você é, separa-o do mundo da mesma maneira pela qual Mórmon, o jovem general nefita, foi separado da degenerada nação nefita; você também deverá ser um líder.

Um líder é aquele que tem a verdadeira visão e compreensão dos objetivos e propósitos e que perseverantemente busca atingi-los. Você deveria ser um líder dessa natureza, pois nenhuma outra pessoa na terra, seja jovem ou velha, tem a verdadeira visão do propósito da vida que você tem como membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O desafio que lhe é dado é o mesmo que foi dado a Jó: “Cinge agora os teus lombos como homem...” e recebe um testemunho com respeito à resposta do Senhor: “Onde estavas tu quando eu lançava os fundamentos da terra?” E “declara, se tens conhecimento,” quem realmente és.

O maior exemplo de homem que ganhou confiança e força mediante a obtenção de um testemunho espiri-

tual de quem realmente era, foi o rude pescador Simão, mais tarde chamado Pedro. Na época do seu chamado para o ministério, poderia ser considerado um “ignorante”. Foi frequentemente impulsivo e autoritário, e mesmo tendo acompanhado o Salvador durante todo o seu ministério, Pedro negou a sua associação com o Mestre quando a hora trágica e crucial do Julgamento de Cristo chegou. Após a crucifixão, Pedro ficou algo confuso quanto à natureza externa da missão do Salvador, e estava mesmo pensando em voltar a ser pescador.

Assim mesmo, a despeito da sua fraqueza, o Senhor compreendeu que quando Pedro ganhasse a visão verdadeira e eterna da sua missão, converter-se-ia num grande e poderoso líder. Finalmente Pedro recebeu o testemunho do Espírito e a partir daquele momento, tornou-se um líder vigoroso. Em vez de vacilar e agir sem confiança, ergueu-se com poderosa segurança e testificou diante dos governadores e anunciou a Cristo Jesus nas ruas.

Hoje, por meio de variadas artimanhas, Satanás tenta desesperadamente confundir e cegar-nos, como cegou a Pedro por um breve período de tempo. Espera que julguemos que as únicas coisas reais da vida são as nossas preocupações e prazeres mundanos. Se puder empanar nossa perspectiva eterna e fazer-nos procurar a popularidade social a qualquer preço, buscar as emoções do momento, ou em qualquer medida, esquecer quem somos nós realmente, terá ganho uma importante vitória na guerra contra o nosso progresso eterno.

Por outro lado, a mais poderosa defesa que possuímos contra o poder do adversário é o testemunho de quem somos nós e de quais são as nossas possibilidades do ponto de vista eterno. Não há maior força do que aquela que nos advém do conhecimento do plano e do propósito da vida, capacitando-nos a responder perante os pais, o bispo e Deus, em todos os aspectos, pela nossa pureza e dignidade. Quando isto se verifica, temos triunfado sobre aquele que cegou um grande número de pessoas no mundo para o conhecimento de quem realmente são e de quais as suas possibilidades eternas.

ESCRITURA MODERNA

Doutrina e Convênios

T. Edgar Lyon

DE TODOS os volumes de posse da Igreja nos últimos dias, Doutrina e Convênios é o único que merece corretamente ser designado "Escritura moderna". É verdade que o Livro de Mórmon, o Livro de Moisés e o Livro de Abraão são modernos no que tange à sua restauração, mas cobrem remotos períodos do passado, ficando paralelos ao Velho Testamento. Doutrina e Convênios, entretanto, é moderno na sua origem tanto quanto na sua mensagem. É a Escritura básica desta dispensação de restauração.

A Bíblia, o Livro de Mórmon, o Livro de Moisés e o Livro de Abraão são volumes valiosos; não obstante, nenhum deles poderia por si só funcionar como guia completo para a compreensão do Evangelho. Desconhecendo os ensinamentos de Doutrina e Convênios, não é possível obter mais do que um conhecimento geral das várias doutrinas da Igreja obtidas destes quatro volumes. Por exemplo, assuntos tais como: sacerdócio, seu poder, organização e jurisdições funcionais; batismo pelos mortos; natureza e propósito do sacramento da ceia do Senhor; Palavra de Sabedoria como lei do Senhor sobre a saúde; obrigação de cada pessoa na Igreja em pregar o Evangelho às demais pessoas; graus de glória no mundo pós-mortal; a necessidade de aperfeiçoarmos o espírito pelo estudo e pela fé; a doutrina da eternidade do convênio do casamento; a doutrina do progresso eterno — tôdas recebem a mais completa explicação nas revelações de Doutrina e Convênios. Com o conhecimento obtido mediante estas modernas revelações, o membro da Igreja torna-se capaz de estudar os demais volumes de Escrituras e de, literalmente, ler nas entrelinhas significados que teriam permanecido ocultos para um leitor menos instruído. Doutrina e Convênios dêsse modo presta-se a dois propósitos: revelar a palavra e a vontade de Deus ao povo desta dispensação, e atuar como chave para descerrar ensinamentos vaga ou incompletamente registrados em nossos outros volumes escriturísticos. De todos os livros de Escrituras, Doutrina e Convênios é aquele com o qual mais se deveriam familiarizar os santos dos últimos dias.

A lista seguinte de seções selecionadas poderá provar-se útil como introdução para os que desejarem familiarizar-se com a mensagem e o espírito deste moderno volume de Escrituras.

1. Seção 1. Funciona como "Prefácio do Senhor" para o livro, declarando porque foram dadas as revelações e indicando a responsabilidade que Cristo colocou sobre aqueles que são membros da sua Igreja.

2. Seção 4. Esta seção foi dada ao pai do Profeta Joseph Smith, chamando-o ao trabalho missionário. Relaciona as qualidades e as características que um missionário deve possuir. Tem servido para muitos que foram chamados para o ministério da Igreja nesta dispensação.

3. **Seção 13.** Esta curta seção contém o ato pelo qual o poder do Sacerdócio Aarônico foi concedido.

4. **Seção 20.** Por ocasião do seu estabelecimento oficial, a Igreja não possuía folhetos, Regras de Fé, ou quaisquer outras declarações com respeito às suas crenças e práticas básicas. Esta seção é a primeira declaração oficial do poder da Igreja, autoridade, doutrina e jurisdição. Pode ser chamada a "**Constituição da Igreja**."

5. **Seção 25.** Esta seção tem feito muito para colocar as mulheres em posições de liderança na Igreja e em fazer dos santos dos últimos dias um povo cantor.

6. **Seção 42.** Suplementa a Seção 20, apresentando fórmulas, cerimônias, disciplinas e práticas da Igreja.

7. **Seção 76.** Comumente conhecida como "A Visão dos Três Graus de Glória," esta seção na realidade menciona sete visões separadas, seis das quais são descritas em termos gerais, e somente a sétima é mencionada.

8. **Seção 87.** Conhecida como "A Profecia sobre a Guerra Civil". Este título, entretanto, não é inteiramente acurado. Embora antecipe essa guerra, menciona também que a Guerra Civil Norte-Americana não é senão o início de uma longa série de guerras que afligirão a humanidade.

9. **Seção 88.** Esta é uma das mais longas e também uma das mais importantes seções do livro. Convoca a "Escola dos Profetas" e estabelece o padrão educacional que a Igreja tem seguido durante a sua existência. A maior porcentagem de povo nosso que frequenta cursos médios e superiores em comparação com o restante do país é o resultado da ênfase que esta seção conferiu ao estudo como um preparo necessário para o nosso sistema missionário e nossa liderança leiga.

10. **Seção 89.** Comumente conhecida como a "Palavra de Sabedoria," poderia ser melhor chamada "A Lei de Saúde do Senhor."

11. **Seção 93.** Quem quer que tente compreender a filosofia de vida SUD deve estudar esta seção. É básica na interpretação da eternidade da vida, tal como foi ensinado pelo Profeta Joseph Smith.

12. **Seção 107.** Esta é a grande seção sobre o sacerdócio.

13. **Seção 121.** Contém magnífica declaração sobre o poder e o espírito do sacerdócio.

14. **Seções 130 e 131.** Nestas seções, consistentes de extratos de sermões do Profeta Joseph Smith, encontram-se muitos dos ensinamentos singulares da Igreja e que a distinguem do Cristianismo histórico como uma nova restauração do Evangelho antigo.

A Mesma Voz

Quando a voz e a linguagem da autoridade são idênticas à voz e a linguagem do amor, então a obediência e todas as demais formas de comportamento agradável e aceitável tornam-se mais fáceis para a criança. Dizer a uma criança que a amamos vai além de apelidos afetivos e carinhos, embora também estes sejam eloquentes. É louvor pelas realizações. É permissão para tentar, e encorajamento para tentar outra vez. É a aceitação do progresso lento e não imputação de culpa pelo fracasso. É um abraço rejubilante, um sorriso inexperado. São regras e advertências para evitar mágoas e temores. É um tapa nas costas, um temor confortado, uma surpresa, um trato, uma história antes de dormir, uma luz acesa na entrada. É paciência enquanto a criança aprende os costumes do mundo dos adultos

Anônimo

ESCOLA DOMINICAL

Uma Silenciosa Tragédia

Reed H. Bradford

ESCUTAI, ó povo da minha Igreja, diz a voz daquele que habita no alto e cujos olhos estão sobre **todos os homens**... Pois, na verdade, a voz do Senhor se dirige a **todos os homens**... (D&C 1:1-2)

Alguma vez nos esquecemos de que cada pessoa é filho de nosso Pai Celestial. Todas as pessoas — meu companheiro, meus filhos, homens e mulheres de todos os lugares são meus irmãos e irmãs. É importante que cada um dêles tenha a oportunidade de experimentar o crescimento, as bênçãos, a salvação, a exaltação e a alegria intencionadas para eles por parte do nosso Divino Criador.

Mas neste mundo tal oportunidade é negada a muitos indivíduos.

Um Zero Sobre a Neve¹

Começou com uma tragédia numa enregelada manhã de fevereiro. Eu dirigia atrás do ônibus de Milford Corners tal como o fazia na maioria das manhãs nevadas a caminho da escola. O ônibus mudou de direção e parou próximo a um hotel, o que não era usual, deixando-me aborrecido por ter que fazer uma parada inesperada. Um rapazinho cambaleou para fora do ônibus, rodopiou, tropeçou e tombou sobre a neve do meio-fio. O motorista do ônibus e eu alcançamo-lo ao mesmo tempo. Sua face encovada estava branca mesmo contra a neve.

"Está morto", murmurou o motorista.

Não se mexia. Relanceei o olhar pelas assustadas faces dos jovens que nos olhavam do ônibus escolar. "Um médico! Rápido! Eu telefonarei do hotel..."

"Não adianta. Está morto, já lhe disse." O motorista não tirava os olhos do corpo inerte. "Ele nem ao menos se queixou de estar se sentindo mal," murmurou, "apenas bateu-me no ombro e disse muito calmamente 'lamento muito, mas tenho que descer no hotel.'" E foi tudo o que disse, de maneira muito polida, em tom de desculpa."

Na escola, o alarido matinal ia silenciando à medida em que a notícia percorria as salas. Passei por um grupinho de moças. "Quem foi?" Quem caiu morto a caminho da escola?" ouvi uma delas murmurar."

"Não se sabe o nome; é alguém de Milford Corners," responderam.

Não conhecia o rapaz

Algo semelhante ocorria na sala dos professores e no escritório do diretor. "Gostaria que você fôsse dar a notícia aos pais," disse-me o diretor. "Eles não têm telefone e, de qualquer maneira, alguém da escola deveria ir em pessoa. Eu o substituirei nas aulas."

"Por quê eu?" perguntei. "Não seria melhor se você o fizesse?"

"Eu não conhecia o jovem," o diretor admitiu sinceramente. "E no ano passado ele o relacionou como seu professor predileto."

Enquanto dirigia através da neve e do frio por uma péssima estrada para o lar dos Evans, pensava no rapaz, Cliff Evans. Seu professor favorito! Pensei. Não me ha-

via dito duas palavras em dois anos! Podia vê-lo em minha memória muito bem, sentado lá atrás, na última fileira da sala, durante a minha aula vespertina de literatura. Viera para a sala e a deixara por si mesmo "Cliff Evans," murmurei para mim mesmo, "um rapaz que jamais falava. Nunca o vi sorrir."

A grande cozinha da granja estava limpa e aquecida. Derramei a minha notícia sem rodeios. A Sra. Evans deixou-se cair em uma cadeira. "Ele nunca disse que estava doente."

Seu padrasto bufou: "Não falou nada desde que viemos para cá."

A Sra. Evans empurrou uma panela para o fundo do fogão e começou a desamararr o avental. "Espere aí," disse o marido. "Tenho que comer antes de sair. Não podemos fazer nada mesmo. Se Cliff não fôsse tão calado, teria contado pra gente que não estava se sentindo bem."

Você é um João Ninguém

Após as aulas, sentei-me no escritório e fitei desoladamente os registros espalhados diante de mim. Ia encerrar a ficha e anotar o obituário para os papéis da escola. As folhas quase que em branco zombavam do esforço. Cliff Evans jamais havia sido legalmente adotado pelo padrasto, tinha cinco meio-irmãos e irmãs. Estas magras informações e uma lista de notas baixas era tudo o que os registros tinham a oferecer.

Cliff Evans tinha silenciosamente vindo à escola pelas manhãs e saído à tarde, isto era tudo. Jamais pertencera a um clube. Nunca jogara num time. Não tivera cargos. E tanto quanto eu possa lembrar, jamais praticou algo alegre e barulhento, próprio de rapazola. Não tinha sido ninguém.

Como é que se pode transformar um rapaz em um zero? Os registros do primário mostraram-me. As anotações dos professores dos primeiros estágios do primário diziam: "criança doce e tímida," "tímida, mas ansiosa." Então uma nota correspondente ao terceiro estágio abriu o ataque: "Cliff não fala. Não coopera. Lento em aprender." As demais ovelhas acadêmicas seguiram dizendo: "Obtuso", "atoleimado"; "quociente intelectual baixo." Mostraram-se corretos. O Q.I. do rapaz no nono estágio constava como sendo 83, mas no terceiro estágio havia sido 106. A marca não tinha ficado abaixo de 100 até o sétimo grau. Mesmo as crianças retraídas, tímidas e doces têm elasticidade, e leva tempo para abatê-las.

Fui para a máquina de escrever e redigi um violento relatório denunciando o que a educação tinha feito a Cliff Evans. Atirei uma cópia na mesa do diretor, e outra no arquivo triste e usado. Bati violentamente a porta, mas isso não me fez sentir melhor. Um rapazola continuava a me acompanhar, um rapazola de faces magras e pálidas, um rapaz magricela vestindo calças descordadas e grandes olhos que haviam olhado e buscado por algum tempo e depois haviam-se velado.

Podia adivinhar quantas vezes havia sido relegado aos últimos lugares na fila dos jogos, quantas vezes as conversas murmuradas o haviam excluído, quantas vezes não tinha sido solicitado. Eu podia ver e ouvir as faces e vozes dizendo sempre: "Você é um mudo, mudo. Você é um João Ninguém, Cliff Evans."

Uma resolução e um desafio

Uma criança é um ser que crê, e Cliff indubitavelmente acreditava neles. Súbitamente pareceu-me claro: Quando finalmente nada mais restara a Cliff Evans, ele desmoronara-se sobre a neve e fôra-se. O médico poderia ter anotado "ataque cardíaco" como "causa mortis", mas isto não iria mudar a minha maneira de pensar.

Não pudemos encontrar nem dez estudantes na escola que houvessem conhecido Cliff o suficiente para irem ao funeral como amigos seus. Assim, os líderes do corpo estudantil e um comitê da classe júnior formaram um grupo para irem à Igreja, apresentando-se educadamente tristes. Fui com eles, e durante o tempo todo parecia-me estar com uma barra de chumbo frio sobre o peito e uma enorme resolução crescendo dentro de mim.

Jamais esqueci Cliff Evans ou aquela resolução. Tem sido o meu desafio ano após ano, classe após classe. Olho cuidadosamente as filas todo ano, observando os rostos desconhecidos. Procuro olhos velados ou corpos encolhidos nas carteiras, como que em um mundo estranho. "Atenção, meninos," digo-lhes calmamente, "talvez eu não consiga fazer nada por vocês neste ano, mas nenhum de vocês sairá daqui como um João Ninguém. Trabalharei e lutarei até o fim, contra a sociedade e contra a junta escolher, mas nenhum de vocês sairá daqui julgando-se um zero."

A maioria das vezes, nem sempre, mas a maioria das vezes, tenho me saído bem nisso.

Dê a cada pessoa os seus direitos

Como este princípio de dar a cada pessoa justas oportunidades tem aplicação em nossa vida? Consideremos modos possíveis.

Comparações: Se eu sou pai, lembro-me de que embora todas as crianças sejam semelhantes em muitos aspectos, cada uma delas tem uma característica **distintiva**? Recentemente um aluno contou-me que seus pais viviam constantemente a recordar-lhe as brilhantes realizações do seu irmão mais velho, que é uma autoridade nacional em química. Esse jovem não tem os mesmos dons do seu irmão mais velho, mas tem outros potenciais. Seus pais prestariam a esse seu filho um grande serviço se o ajudassem a encontrar e preencher esses potenciais, avaliando-o segundo os seus próprios valores, a despeito de que jamais venha a ser famoso. Não deveria uma pessoa ser respeitada em sua posição de tentar fazer o melhor que pode dentro das suas habilidades?

Aceitação geral como pessoa divina. Frequentemente, no mundo os indivíduos são aceitos ou rejeitados dependendo da posição ou posições que ocupam.

Certa vez fui em companhia de um amigo, em seu carro, a uma reunião. Após a reunião, disse-me que tinha que entregar um envelope a uma pessoa muito conhecida na Igreja. "É só um instantezinho, você não se incomoda de esperar, não é?"

"Claro que não," repliquei.

Fazia muito frio naquela noite de inverno, e ele levava consigo as chaves do carro, pelo que eu não poderia ligar o motor para usar o aquecedor.

Passaram-se cinco minutos, meia hora, uma hora, finalmente uma hora e meia.

Quando voltou, disse: "Ótimo, acho que já podemos nos ir."

Eu já o conhecia há muito, éramos bons amigos, por isso, estava à vontade para comentar: "Por favor, não me leve a mal," disse, "mas quero perguntar-lhe algo. Envolve um princípio importante para mim."

"Claro," disse êle, "qual é o problema?"

"Supondo-se," repliquei, "que um importante oficial da Igreja ficasse esperando no carro enquanto você entregasse um envelope, você o teria feito esperar sentado aqui uma hora e meia?"

Tôda alma é importante para o nosso Pai Celestial. O Salvador disse:

"Não se vendem dois passarinhos por um ceitil? e nenhum dêles cairá em terra sem a vontade de vosso Pai... Não temais, pois, mais valeis vós do que muitos passarinhos." (Mt. 10:29-31) Ou ainda:

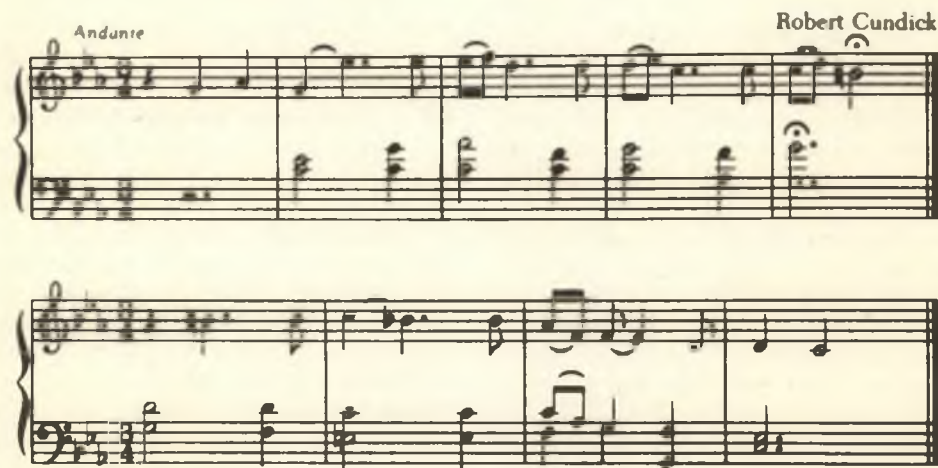
"Que vos parece? Se algum homem tiver cem ovelhas, e uma delas se desgarrar, não irá pelos montes, deixando as noventa e nove, em busca da que se desgarrou?... Assim também não é da vontade de vosso Pai, que está nos céus que um dêstes pequeninos se perca." (Mt. 18:12,14)

Êle se preocupa com todos, e seu amor e suas bênçãos estão à disposição de todos.

Nota

- 1) "Um Zero sôbre a Neve", por Jean E. Mizer, *National Education Association Journal*, V. 53; novembro de 1964, p. 8-10. Esta história recebeu o primeiro prêmio (1.000 dólares) no Concurso de Escritos de Professôres de 1964. A história é verdadeira, mas os nomes dos personagens e o local foram mudados. Usado com permissão do autor.

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais



Jóias Sacramentais para Março

Escola Dominical Sênior

"E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo a quem enviaste." (João 17:3)

Escola Dominical Júnior

O Salvador disse: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos." (João 14:15)



INSIGNIFICÂNCIAS FAZEM A PERFEIÇÃO

Louise W. Madsen

«INSIGNIFICÂNCIAS fazem a perfeição, mas a perfeição não é insignificância,” replicou Miguelângelo a um amigo que se admirava do tempo dispendido pelo artista aperfeiçoando suas estátuas. As horas que passou retocando e polindo, amaciando traços ou acrescentando força aos músculos, dando maior expressão aos lábios ou mais energia aos membros, resultaram em obras primas cuja beleza e majestade permanecem para sempre.

Não somos capazes realmente de especificar quais os pequenos e quais os grandes eventos das nossas vidas, ou quais serão as palavras que dizemos ou atos que executamos, que alterarão nosso curso ou mudarão a impressão que os demais têm de nós. Ao visarmos à perfeição que nosso Pai Celestial deseja que alcancemos, as pequenas coisas, tanto quanto as grandes, têm significado e nos orientam.

As pequenas coisas, cuja somatória constitui a nossa parte na criação da nossa própria personalidade, contam. Pequenas imperfeições reduzem o valor do que de outro modo seria uma peça de arte. Uma nota discordante numa sinfonia, uma pincelada conflitante numa pintura, uma voz desafinada num coral, uma mancha de cor berrante imprópria apresentada, coisinhas, não obstante são suficientes para comprometer a mais completa beleza. De modo semelhante, as imperfeições do caráter impedem uma pessoa de atingir seu mais alto potencial.

As pequenas coisas parecem grandes aos olhos de quem as contempla. Pequenas descortêsias, mesmo que não sejam do comportamento usual de uma pessoa, diminuem sua imagem na estima de outras. Uma anfitriã poderá perder o encantamento de uma festa maravilhosamente planejada por apenas um ato desgracioso, ou por uma aderência muito rígida aos seus planos que a impeça de permitir-se alguma mudança ou receber um convidado inesperado. A graciosidade constante em tempos de tensão, tanto quanto nos de calma, são atributos de uma dama.

Uma aparência adorável poderá ser estragada por uma descortesia. Algumas não levam em consideração a impressão que causam em todas as ocasiões, inclinando-se a desculparem-se pela sua apresentação descuidada alegando que esse cuidado toma muito tempo, tão desinteressadas da sua própria aparência que não percebem a infelicidade que causam. Estar apropriadamente vestida para todas as ocasiões está dentro do reino das possibilidades, não obstante muitas o considerem desnecessário. Uma verdadeira dama, entretanto, preocupa-se com estas coisas.

A voz estridente, o gesto ou o olhar irado ao corrigir uma criança deixam uma impressão desagradável. As mães desconsideradas fazem com que os que presenciaram seu comportamento se sintam entristecidos e desencorajados.

Impressões duradouras podem ser criadas em poucos momentos de comportamento descontrolado.

Está-se tornando evidente nestes dias do assim chamado viver “à vontade” grande necessidade de maior refinamento, mais atenção às delicadezas, maior desejo de viver com graça, maior necessidade de nos preocuparmos com um comportamento aceitável. Todas estas serão pequeninas coisas, mas nos ajudam a nos aproximarmos da perfeição.

A sensibilidade é uma qualidade que deve ser admirada e buscada. Ela é, na realidade, a tentativa altruística de procurar saber como a outra pessoa pensaria, agiria e sentiria. Sua essência consiste em harmonizar-se com esse conhecimento. Os que têm adquirido esta qualidade dão-se bem com os demais, inspiram-lhes auto-confiança, reforçando assim sua própria individualidade. Sensibilidade é uma destas “pequenas” coisas, e é importante.

O Senhor nos julga pelas pequeninas coisas. Ao servo bom e fiel, disse: “...sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu Senhor...” (Mateus 25:21) A nossa capacidade de fazer com que as pequenas coisas sejam importantes nos enobrece e é agradável aos outros.



Juventude da Promessa

Retrato de Uma Oração

Dennis Drake

A ORAÇÃO é um diálogo, não um monólogo. Abre um conduto espiritual entre o homem e seu Guia Imortal. O Pres. McKay diz que a oração é a “mensagem da alma... A linguagem não é só palavra, mas vibração espiritual.”

A oração pode predizer o nosso progresso. Se fôr o esquema verdadeiro das nossas aspirações, articulará o melhor de cada um de nós.

A oração consiste de pensamentos profundos e institui outros ainda mais profundos. É parte da chave da sabedoria. O Profeta Joseph Smith foi instruído por Moroni: “Não te esqueças de orar, para que a tua mente se torne forte.”

A oração requer fé, e a edifica, permitindo a cada um de nós experimentar sentimentos de gratidão, humildade e esperança.

A oração provê alívio das cargas mundanas mediante o partilhar das responsabilidades da vida com outrem. É uma prescrição revigoradora, um antídoto para os cuidados e apreensões desnecessários, um catalizador para futuros empreendimentos espirituais.

A oração proporciona ao indivíduo uma honesta análise de si mesmo. Ensina-lhe a habilidade de avaliar-se justa e realisticamente; não em comparação com os vizinhos, os companheiros de escritório e os colegas de classe, mas consigo mesmo e em relação à maneira como está se desempenhando na corrida da vida como indivíduo, avaliado apenas segundo os seus próprios “inerentes” e o uso que deles se faz.

A oração ensina, e na verdade admite, a realidade de Deus. É um testemunho de fé, uma autobiografia diária, um retrato pessoal.

A oração pode resolver qualquer dúvida, remover qualquer medo, guiar e inspirar, e ensinar as verdades eternas.

Estará Deus realmente morto? Pergunte a êle!



Nota do Editor: Lynne Baker é o pseudônimo de uma jovem 16 anos cujas tristes experiências produziram êste comovedor apêlo aos adultos.

Ouçame Por Favor

Lynne Baker

MOSTRE-SE disposto a ouvir — não amanhã, não daqui a uma hora, mas AGORA. Se chamam à meia-noite, não é por falta de algo para fazer. Quando precisam de ajuda, não desejam ser postos de lado. Se forem postos de lado, diminuir-se-á a chance de estabelecer-se comunicação. Ninguém gosta de sentir-se colocado em último lugar. Todos querem sentir-se importantes o suficiente para serem o primeiro na lavanderia, naquela reunião ou em qualquer outra coisa. As palavras “mais tarde” e “quando eu tiver tempo” deveriam ser eliminadas do vocabulário de todos os pais e bispos.

Jamais pergunte: “é importante?” ou “vai demorar?” Não me recordo de que o meu bispo jamais tenha conversado comigo sem antes perguntar estas coisas. Claro que é importante! Ao menos para o interessado, ou ele teria sido o primeiro a não se importar.

É como estar com medo; haja ou não motivos, se estamos com medo, isso é o que interessa. Se é importante para o jovem considere importante para você também, ainda que leve dez minutos ou três horas. Não interrompa no meio, não se trata de algo que possa ser ligado e desligado.

Quando ouvir, preste atenção. Não fique imaginando o que irá comer no jantar, ou algo dessa natureza. A garotada pode perceber imediatamente se você está realmente interessado ou somente "cumprindo uma obrigação" — apenas agindo mecanicamente.

Por favor, procure compreender que abandonar o uso de drogas é uma das coisas mais duras do mundo. Dê a entender que você o compreende ao falar aos jovens sobre drogas. Não lhes diga que eles se tornarão viciados em maconha. Eles sabem que fisicamente ninguém pode adquirir esse vício, e afirmando o contrário, você somente criará desconfiança.

Mas eu posso dizer que seria como um vício físico. Pode não conduzir ao uso de heroína, mas o acostuma a negociar por canais ilícitos, envolve-o com marginais, subjugando o seu testemunho, rebaixa a sua imagem de modo que você passa a fazer coisas que antes nem pensaria em fazer. Pode causar a perda dos amigos e a perda de toda a vontade de tentar, devido a que você se sente tão indigno de ser amado que, mesmo sendo, ainda assim não pode crê-lo ou aceitá-lo realmente, e sente-se como se continuasse solitário.

Os adultos nunca deveriam "fazer de conta" que os problemas não existem, ou que não estão acontecendo à sua juventude somente porque desejam que não estivesse. Você tem que encará-los antes de poder dominá-los — e isto é válido também para os meninos.

Não o aborde como tópico moral logo de início; destaque apenas o que estiver errado do ponto de vista lógico. Demonstre aos meninos que são amados e que você continuará a amá-los aconteça o que acontecer, mas que você deseja que sejam felizes e que você sabe que eles podem ser felizes! Não lhes relembre as derrotas passadas — seus amigos já o farão suficientemente.

Dê-lhes a saber que não são irrecuperáveis. Eles já se sentem dessa maneira, e se você também tiver essa atitude, isso não irá ajudar muito a inspirá-los a coisas melhores.

Preste seu testemunho frequentemente. Não imagine Deus apenas como um conceito, impossível de ser compreendido e imaginado como uma pessoa.

Mostre-lhes que você se preocupa. É difícil para eles imaginarem como Deus pode se importar, se ninguém lhes mostrar. Uma das razões que me capacitaram a crer que Deus poderia ser tão bom e amável foi por o amor que vários membros da Igreja mostraram por mim. Então imaginei quão maravilhoso poderia ser o amor de Deus, que é perfeito. Claro, havia algo mais, mas esta era a parte mais importante.

Não espere uma resposta miraculosa às orações, logo de início, mas seja paciente e receberá. Mesmo assim, havendo um problema imediato, sinta e saiba que em certas ocasiões você poderá dizer: "Ajude-me agora", e a ajuda virá.

Se apenas eu pudesse partilhar com os "Hippies"

ou com os que estão se tornando "Hippies" a paz e a felicidade que nos advém com a prática da retidão — sabermos que nossas orações foram atendidas, afirmativa ou negativamente, mas saber que Deus se importa o bastante para responder.

As drogas são contra a Palavra de Sabedoria. Isto não tem sido suficientemente salientado. Minha amiga seria capaz de jurar que uma vez que Deus não mencionou maconha, heroína etc. em Doutrina e Convênios, é porque estas coisas são boas.

Os que dizem que a maconha não é pior do que a cerveja estão errados, mas nós não aprovamos a cerveja igualmente, portanto, que espécie de defesa é esta?

A felicidade consiste em saber o que é certo e então fazê-lo, não porque somos forçados, mas porque o desejamos. Conviver consigo mesmo é o mais duro. É fácil dispensar os outros, mas isto não traz a felicidade. Mais cedo ou mais tarde você terá que encarar o fato de que não está fazendo ou realizando o melhor que pode, e isto irá magoar.

Os jovens que têm famílias carinhosas, testemunhos fortes e bons amigos e que têm sido poupados da miséria que advém de uma maneira de viver tão estranha aos princípios do Evangelho devem ser profundamente gratos por tais coisas! Vocês têm sido muito abençoados, mas não fiquem tão seguros de sua própria força a ponto de não se importarem com os que não foram assim tão afortunados. Também eles são filhos de nosso Pai Celestial, com seus próprios talentos, fortalezas e fraquezas. Ajude-os a encontrarem suas fortalezas e vencerem as suas fraquezas, e grande será a sua alegria! ("Quando te converteres, confirma teus irmãos.")

Um jovem não acorda pela manhã e diz simplesmente para si mesmo: "Acho que vou virar "hippy". No seu estágio inicial há um fervoroso apelo, quase um ultimato, à ajuda. Ao deixar meu cabelo crescer e começar a usar sandálias, guizos nos tornozelos e minissaías para ir à Igreja, nada havia que eu mais desejasse do que alguém para me abraçar e dizer-me que eu era importante e que não precisava ser "hippy" para ser notada.

Não trate o assunto como piada; ninguém gosta de ser alvo de risadas!

Não lhes diga que são ímpios ou que os seus amigos o são. Pelo contrário, diga-lhes que porque os ama você conhece um caminho melhor. A rebelião vem da mágoa. Estão tentando dizer "Você não poderá magoar-me outra vez." É como o sujeito que se demite para que não possa ser despedido: "Não vou dar-lhes uma oportunidade de rejeitar-me, vou rejeitá-los primeiro."

Os "hippies" também são pessoas, com os mesmos desejos, necessidades e emoções. Ame-os, preocupe-se com eles, mostre-lhes que você se preocupa, diga-o e atenda-os quando precisarem de você. Não esteja ocupado demais. Não lhes relembre os enganos do passado. Expresse confiança no seu futuro. Reconheça-os como indivíduos. Busque-os; não espere sempre que venham pedir-lhe ajuda. Relembre-lhes que são filhos e filhas de Deus, e de que Deus deseja o sucesso e a felicidade deles.



Nesta cena de "O Patinho Feio", um aluno da BYU (em pé) ajuda o aluno em treinamento.

UM SONHO NÃO BASTA

Dona Gregory

JOVENS de tôdas as partes estão buscando o propósito da vida. A maioria dêles deseja ser útil, prestar serviços, sentir-se necessário. Recentemente, um punhado de estudantes de Utah, Estados Unidos, descobriu o que estava procurando. Por meio dos seus esforços, o manto do medo e da dúvida com respeito aos excepcionais começou a dissolver-se.

Dois anos atrás, dois jovens, ambos em busca de um propósito na vida, foram persuadidos a visitarem a Escola de Treinamento para Excepcionais do Estado de Utah em American Fork.

Larry Parks e Dustin Carsey lá encontraram crianças que tinham uma necessidade básica de serem amadas, tal como as crianças normais — exceto que tais indivíduos sabiam como dar amor cristão a um excepcional. Não conheciam inimigos, mas tinham poucos amigos.

Foi amor à primeira vista entre Larry, Dusty e êsses jovens. Ambos tinham sido chamados para serem oficiais na AMM da escola, e ambos passavam as suas tardes de domingo ali.



Apresentação de solo durante a Semana da Criança Excepcional.

Dustin Carsey, Larry Parks e Carol Anne Schuster.



Logo compreenderam o quanto a maioria dêsses jovens queria aprender, e espantaram-se com a sua ambição. Embora Dusty e Larry não fôsem professores licenciados, partilharam o seu conhecimento e surpreenderam-se ao descobrirem que alguns dêles tinham belas vozes, alguns tinham um bom senso de ritmo, alguns liam bem, e todos tinham um ótimo senso de humor. Tinham talento! A despeito das suas óbvias desvantagens, podiam apresentar-se muito bem. O Pres. Hugh B. Brown recentemente observou durante a dedicação de uma nova capela na escola: "Jamais vi um homem ou mulher que, em algum respeito, não fôsse superior a mim."

Um jovem que estava confinado a uma cadeira de rodas perguntou se algum dia êles poderiam talvez fazer teatro. Isto apresentou um problema que não era dos menores a Dusty, uma vez que a maioria dos que desejavam participar estavam confinados em cadeiras de rodas, e alguns não podiam articular muito bem as palavras. Mas todos compreendiam, e todos queriam dar e ser recebidos por aqueles que levam vidas normais num mundo diferente do seu.

Fazer outros verem a êsses jovens tal como Dusty e Larry os viam tornou-se um sonho. Fazer outros verem o seu talento, amor e apreço pareceu tão impossível quanto mover uma montanha tendo por alavanca um palito de dentes!

Então, certa tarde, Tâmará Fowler, uma jovem destacada no departamento de artes dramáticas da Universidade Brigham Young, sugeriu que a peça "O Patinho Feio" fôsse apresentada pelas crianças da escola em caráter experimental na universidade.

Entre Dusty e Tâmará, desenvolveu-se a idéia de gravar previamente uma fita, com as vozes de estudantes da BYU, de modo que as crianças teriam apenas que "dublar" o diálogo. Então, para os que estivessem

em cadeiras de rodas, Dusty, Tâmará e Larry, mais alguns outros colegas, vestiriam trajes escuros, de modo que as crianças vestidas com roupas brilhantes e coloridas permanecessem como centro de atração, e propeliriam os verdadeiros astros da produção de cena a cena no palco.

Não somente o estratagema funcionou como foi apresentado diante de uma platéia apinhada de pessoas tôdas em pé, concluindo com poucos olhos sêcos.

Com o sucesso de "O Patinho Feio" veio a inspiração para a Semana da Criança excepcional na Universidade Brigham Young.

Carol Anne Schuster, uma talentosa judia conversa à Igreja, também estava tentando encontrar um significado em sua vida. Tentara carreira como enfermeira profissional em Nova York. Decidindo que fôra uma escolha errada, veio para a BYU como graduada em dicção dramática. Havia quase se decidido a abandonar também isto quando descobriu Dusty, Larry e aquelas pessoas cujos defeitos as deixavam em perpétua dependência.

Colocando todo o seu talento neste empreendimento, escreveu e dirigiu um concêrto para a Semana da Criança Excepcional — um concêrto executado por cerca de 175 excepcionais vindos de todo o Estado de Utah, com um coral infantil, vocalistas individuais e uma banda rítmica.

Após a apresentação os espectadores inundaram os bastidores para cumprimentarem os jovens — não por piedade, mas com sincera gratidão por ter-lhes sido mostrado um nôvo e brilhante lado do excepcional.

Hoje, o que começou como um sonho, parcialmente tornou-se realidade porque um punhado de pessoas preocupou-se o suficiente para trabalhar e fazê-lo tornar-se realidade.

NÔVO MÉTODO SIMPLIFICADO DE APRESENTAÇÃO DE NÔMES PARA O TRABALHO DO TEMPLO



NAS muitas lições que têm sido apresentadas nas páginas desta revista, as declarações proféticas do Profeta Joseph Smith pertinentes à salvação dos vivos e dos mortos têm sido salientadas repetidamente. Deu-se grande ênfase a êste importante trabalho desde os dias do Profeta, especialmente durante os últimos dez anos. Esta obra tem crescido continuamente, mas há uma necessidade de redespertar os santos para uma espiritualidade incrementada para uma rededicação ao trabalho do Senhor. É um grande privilégio trabalhar pela salvação dos nossos parentes mortos. Esta obra reacende a fé e o amor em nossos corações, não sòmente pela nossa família mas também pelo nosso próximo.

A Sociedade Genealógica foi organizada há 75 anos para o expresso propósito de promover o trabalho de ordenanças do templo e assistir aos santos no preenchimento da responsabilidade que descansa sôbre todos em benefício dos seus progenitores. A obra da Sociedade tem progredido e crescido em tamanha extensão que hoje há mais de 36 milhões de fichas de trabalho de ordenanças do templo completas no Escritório do índice dos Registros do Templo, seis milhões de registros de grupo familiar nos arquivos da Sociedade Genealógica que relacionam o trabalho de seimento feito, e milhões de nomes em outros arquivos que tem sido guardados e preservados pela sociedade para uso futuro.

Tendo o trabalho crescido e os templos se multiplicado, os santos têm correspondido com um aumento no trabalho de pesquisa genealógica. Membros da Igreja de todos os países têm-se juntado ao rebanho de Cristo e sentem um desejo despertado em seus corações pela nova fé, de auxiliarem na salvação dos seus ancestrais falecidos.

Ao crescer a população da Igreja, novos métodos necessitam ser criados para atender às necessidades aumentadas. A Sociedade Genealógica, sob a direção da Primeira Presidência da Igreja, tem estado testando e desenvolvendo idéias e planos ao longo desses anos para simplificar o trabalho. Há uma grande necessidade também de descobrir meios mais eficientes de tornar disponíveis as informações mais prontamente aos membros da Igreja.

Após estes anos de estudos e pensamento, sob a orientação e a direção dos líderes da Igreja, foi desenvolvido um plano ou sistema que facilitará aos membros da Igreja a apresentação de nomes para o trabalho de ordenanças do Templo em benefício dos seus parentes mortos. Um livreto de instruções intitulado "Manual de Apresentação de Registros" foi preparado para ser distribuído nas estacas e missões da Igreja. Descreve o sistema e explica em detalhe como todos os membros da Igreja poderão utilizar-se deste sistema já a partir de 1 de outubro de 1969.

Numa reunião realizada a 3 de outubro de 1968, pouco antes da conferência geral, o élder Theodore M. Burton, vice presidente da Sociedade Genealógica, falou aos representantes regionais dos Doze e cuidadosamente explicou este novo programa, que torna possível apresentar nomes **individuais** para o trabalho de ordenança do templo. Sob o novo plano, explicou o élder Burton, em vez de ter que esperar até que todos os membros da família tenham sido reunidos, o trabalho de ordenança do templo poderá ser feito para indivíduos, incluindo o selamento em separado de cada pessoa aos pais. Descreveu com grandes detalhes como poderemos usar este novo sistema e delineou os seus benefícios.

Apresentamos aqui um breve sumário das observações do élder Burton.

Passou em revista a história da Sociedade Genealógica desde a sua organização, 75 anos atrás. A seguir, valendo-se de cartazes e gráficos, demonstrou o seu grande crescimento. Destacou que o trabalho de pesquisa tinha crescido tanto e se desenvolvido tão depressa que meios de processamento de informações mais fáceis e rápidos tiveram que ser descobertos, os quais são necessários à Igreja para que o seu divino destino, designado pelo Senhor, se realize no que tange à salvação dos mortos.

Desde a organização da Igreja o Senhor têm sempre estado preocupado com o seu reino. Desde a sua organização por meio do Profeta Joseph Smith, o Senhor tem incrementado o efeito do seu Espírito sobre o mundo, em abundância, para desenvolver novas maneiras de fazerem-se as coisas. Este desenvolvimento têm acompanhado o rápido crescimento da Igreja. A medida que a Igreja crescia em número, o Espírito do Senhor se movia através do mundo; e novas idéias para os transportes, comunicações e publicação foram-se desen-

volvendo ao surgirem as necessidades. Desde os desenvolvimentos iniciais da Igreja, o Senhor concedeu inspiração em maior abundância, e a luz veio ao mundo favorecendo a utilização do barco a vapor, da ferrovia, do automóvel, do aeroplano, da máquina de escrever, do rádio, da televisão e dos modernos meios de processamento de dados. As pessoas do mundo não têm sido aptas a ver estas coisas, mas ao refletirmos sobre o crescimento da Igreja do Senhor, observamos como o Senhor sempre tem concedido luz e verdade suficientes para os santos realizarem o trabalho que lhes foi confiado, especialmente este trabalho tão importante para a sua salvação.

Agora que o novo programa foi colocado em forma de livreto, espera-se um rápido crescimento do número de nomes apresentados para o trabalho do templo. Desta data até 1 de julho de 1969, os santos de todas as partes estão sendo solicitados a concluírem o trabalho que iniciaram com as folhas de grupo familiar regulares. Estas folhas ao serem completadas deverão ser apresentadas à Sociedade Genealógica para processamento. Após 1 de julho de 1969, a Sociedade não mais aceitará folhas de grupo familiar preparadas segundo o sistema antigo. Isto dará ao pessoal da Sociedade o tempo necessário para o processamento dos nomes entrados até esta data e seu envio para complementação do trabalho de ordenanças. Durante o período de 1 de julho a 1 de outubro, a Sociedade não aceitará nenhum registro, para que possa esgotar seus arquivos.

Então, a partir de primeiro de outubro, a Sociedade aceitará os novos formulários de dados individuais. Tantos registros quantos for possível deverão ser submetidos sob o novo plano de formulários de dados individuais. As folhas de registro de grupo familiar, tais como as conhecemos não serão modificadas. Entretanto, serão aceitáveis para apresentação de nomes e de famílias inteiras somente sob situações especiais. Por exemplo, será usada para combinar informações sobre um indivíduo que não possa ser identificado mediante uma fonte simples, sendo necessárias fontes múltiplas para estabelecer a sua identidade. Nestes casos, a folha de grupo familiar será usada para apresentar as informações de várias fontes compiladas.

A partir de 1.º de outubro de 1969, todo o trabalho deverá ser apresentado conforme as normas do Sistema GIANT (pronuncie "djaiant") nome dado ao novo programa. Os santos descobriram que este sistema será fácil e simples de ser usado. Não requer peritos em pesquisas, mas dá a quase qualquer pessoa a oportunidade de ir às fontes originais. A partir destas fontes originais de nomes de membros da família, os nomes são lançados nos formulários individuais à medida que aparecem nos documentos originais. Se a informação desta fonte for suficiente para identificar uma pessoa, então o trabalho de ordenança do templo poderá ser realizado.

Maiores informações sobre este novo sistema serão prestadas oportunamente. Mediante a leitura do manual, os santos descobrirão que se trata de um livreto muito simples e fácil de ser usado, o qual esboça um método igualmente simples de apresentar nomes para o trabalho de ordenanças do templo.

O Décimo Sexto Templo Será em Washington

Albert Zobell Jr.

FORAM anunciados pela Igreja planos de construção de um templo nas proximidades de Silver Spring, Maryland, um subúrbio de Washington, D.C. O edifício erguer-se-á num local retirado, magestosamente num terreno elevado 36 metros acima da área circunjacente, sobranceira ao Parque Rock Creek de Washington.

No pronunciamento da Primeira Presidência a 15 de novembro passado, disse o Pres. David O. McKay: "É imensa a satisfação que sinto em aprovar a edificação de uma Casa do Senhor para servir a uma área na qual se faz tão necessário um templo."

O templo será construído num terreno de 232.298 metros quadrados adquirido pela Igreja em outubro de 1962 pelo equivalente a 3.400.000 cruzeiros novos. O terreno, considerado como o maior do seu tipo ainda inaproveitado na área metropolitana de Washington, tem fácil acesso por três aeroportos principais e ligações ferroviárias. Está adjacente também às vias de acesso a autopistas de alta velocidade, incluso um anel rodoviário interligado com rodovias para Nova Iorque, Nova Inglaterra, Meio-Oeste e Sul dos Estados Unidos.

Cêrca de 238.000 membros da Igreja que vivem a leste do Rio Mississippi, residindo em 38 estacas e 12 missões, chamarão "meu templo" ao nôvo edifício. Este

será o maior número de santos dos últimos dias no mundo não residentes nas proximidades de um templo. O edifício será também uma bênção para os membros do Canadá oriental e da América do Sul.

A região de Washington é rica em material genealógico para os que procuram dados sobre seus ancestrais, registros tão necessários para completar o trabalho do templo.

Robert W. Barker, de Kesington, Maryland, representante regional do Conselho dos Doze, designado para a região de Philadelphia (Estacas de Philadelphia, Potomac, Virginia e Washington), declarou: Creio que todos os líderes e membros da Igreja da região estão jubilosos com a decisão da Primeira Presidência em construir um templo em Washington, a capital do país. Em contatos com os membros da minha região, percebo que os jovens estão tão entusiasmados quanto os líderes. Os presidentes de estaca do leste estão extremamente felizes, por compreenderem que um grande número de membros da Igreja agora poderá ir ao templo quando antes lhes seria difícil e caro viajar longas distâncias até os outros templos."

O templo de Washington será o décimo sexto a funcionar na Igreja.

Ferindo a si Mesmo e aos Outros

Richard L. Evans

Do Conselho dos Doze

HÁ DUAS pressuposições inaceitáveis: a de que podemos ferir-nos a nós mesmos sem ferir os outros e a de que podemos ferir aos outros sem nos ferirmos a nós mesmos. Vêm à mente as palavras de John Muir: "Ao tentarmos apanhar algo em separado, descobrimos que se acha ligado a tudo o mais no universo."¹ Todos nós estamos interrelacionados. Os jovens não podem ferir a si mesmos sem ferir aos pais e as demais pessoas a quem estão ligados. Todos nós carregamos conosco a reputação e os interesses, dos outros tanto quanto os nossos próprios — da família e dos amigos, da comunidade e da nação. O sucesso dos filhos é o sucesso dos pais. A tristeza dos filhos é a tristeza dos pais. Se alguém toma coisas que prejudiquem sua capacidade física ou mental, perde em alguma medida o que poderia ter sido, o que poderia ter feito, e o mundo perde, e seus entes queridos perdem. Se, devido a alguma escolha tôla ou errônea, alguma indiferença para com os fatos, alguma ação deliberada contra a lei — as leis da saúde, as leis da vida — se devido a isto alguém se torna doente, ferido ou prejudicado na sua capacidade, caberá a outros cuidar dêle. Se uma vida é prematuramente perdida, ou diminuída, o mundo é diminuído. Faz alguns séculos, John Donne sumariou isso em algumas palavras comovedoras e sensatas, que muito têm sido repetidas: "Ninguém é uma ilha inteira em si mesmo... a morte de qualquer homem me diminui, porque estou envolvido na humanidade. Portanto, não pergunte por quem dobram os sinos: êles dobram por ti."² Não podemos ferir a outros sem ferir a nós mesmos. Isto, jovens — na verdade todos nós — faríamos bem em lembrar, pois, no sucesso ou no fracasso, famílias, amigos, entes queridos, pertencem uns aos outros, se magoamos a nós mesmos ou malversamos as nossas vidas, a mágoa atinge também aos demais. "Ninguém é uma ilha."

1) John Muir, "My First Summer in the Sierra."

2) John Donne, "Meditação", século XVII.